



**Analúcia de Morais Vieira**

Licenciada em Pedagogia pela Associação Brasil Central de Educação e Cultura; Mestre em Educação na área de Ensino, Avaliação e Formação de Professores pela Universidade Estadual de Campinas, Brasil; Doutora em Educação na área de Didática, Teorias de Ensino e Práticas Escolares pela Universidade de São Paulo, Brasil; Pós-Doutorada em Educação pela Universidade do Minho. Professora de Educação Infantil na Escola de Educação Básica da Universidade Federal da Uberlândia, Brasil.

### **Arquitetura: uma linguagem curricular na Escola da Criança** Architecture: a curricular language at Escola da Criança

#### **Resumo:**

Este texto é um recorte de minha pesquisa de doutorado que teve como questão central: qual o significado da arquitetura escolar na constituição do currículo da educação infantil para os arquitetos, para os professores e para as crianças? Nosso objetivo foi desvelar a relação entre arquitetura e currículo, tomando como hipótese que tanto a arquitetura quanto o currículo não são neutros e podem estimular ou inibir a prática pedagógica das professoras na escola infantil. Para a elucidação dessa questão, desenvolvemos uma pesquisa etnográfica, especificamente em uma escola da cidade de Uberlândia (MG - Brasil). Realizamos, ainda, entrevistas com a equipe multidisciplinar (arquitetos, diretores, professores) da escola e uma pesquisa de campo com registros de observações da aula (Diários de Bordo) das professoras envolvidas na pesquisa. Na análise dos dados as categorias que nos auxiliaram na compreensão da nossa temática foram: espaço facilitador, espaço inibidor, espaço como promoção social, espaço promotor de autonomia, espaço como contato social e de privacidade. Pode-se concluir que a escola tem sua arquitetura construída para a Educação Infantil, o que possibilita diferentes

atividades curriculares e concepções de infância no seu cotidiano e que a parceria entre a comunidade escolar e o arquiteto envolvido na construção é importante, como oportunidade de aprendizagem mútua sobre a otimização das relações entre arquitetura e currículo.

palavras-chave: educação infantil; currículo; arquitetura; espaço; práticas de professores; cultura escolar.

#### **Abstract :**

This text is an outline of my doctorate research that had as a central question: What is the meaning of the school architecture in the construction of the curriculum of children education for the architects, the teachers, and the children? Our aim is to spell out the relationship between architecture and curriculum, having as a hypothesis that architecture as well as curriculum is not neutral, and can stimulate or inhibit the pedagogical practice of the teachers in the school. To elucidate this question, we conducted some ethnographic research specifically in one school in the city of Uberlândia (MG - Brazil). Also we performed interviews with the multidisciplinary team of the school – architects, directors, and teachers – and a field research with observation records – Log-book – of the classes of the teachers involved in the research. The categories that helped us understand our theme were: facilitating space, inhibiting space, social promotion space, autonomy promotion space, and social contact and privacy space. We can conclude that the school has its architecture built for children education, which makes available different curricular activities and conceptions of infancy in their routine. The partnership between school community and the architect involved in the building is important, as an opportunity of mutual learning about the optimization of the relationships between architecture and curriculum.

keywords: children education; curriculum; architecture; space; teacher learning; school culture.

## Introdução

O espaço, o tempo, a linguagem, ou seja, nossas vivências e representações das mesmas constituem aspectos chaves para compreendermos o social, para organizar nossas vidas para viver e deixar viver (Frago & Escolano, 1998, p. 26).

O espaço/tempo escolar de nossa trajetória de 15 anos, como professora de Educação Infantil, tem-nos levado a repensar, reavaliar e retomar o trabalho desenvolvido com crianças entre 4 a 6 anos numa escola pública na cidade de Uberlândia.

Durante o curso de Mestrado e demonstrado em nossa pesquisa intitulada “Produções de espaço-tempo no cotidiano escolar: um estudo das marcas e territórios na educação infantil” (Vieira, 2000), já havíamos percebido não só as evidências de algumas marcas inscritas no espaço-tempo escolar, mas também diferentes apropriações (territórios) por parte dos/as professores/as e aluno/as nesse mesmo espaço-tempo.

Essa produção muito contribuiu para o nosso trabalho de doutorado “Currículo e Arquitetura Escolar: Olhares Cruzados na Educação Infantil” (Vieira, 2006), no qual procuramos salientar qual a importância da arquitetura escolar para a constituição do currículo na Educação Infantil? Nosso objetivo foi desvelar a relação entre arquitetura e currículo, tomando como pressuposto que tanto a arquitetura quanto o currículo não são neutros. E que eles podem estimular ou inibir a prática pedagógica das professoras na escola. Além disso, gostaríamos de reforçar a ideia de que os projetos arquitetônicos das escolas infantis devam ser realizados através de um trabalho multidisciplinar, com arquitetos, professores, diretores, crianças, pais e demais envolvidos com esse projeto. O que muitas das vezes não acontece:

As ideias, para os projetos, em sua maioria, virão dos arquitetos, mas, muitas vezes, elas também virão dos usuários e acreditamos mesmo

que o papel do arquiteto é representar e defender o que há de melhor para as pessoas que podem ser afetadas pelos projetos e, normalmente, estas não tomam parte no processo (Adams, 2002, p. 46).

### Método

Em nossa Metodologia optamos por realizar uma pesquisa de tipo etnográfica. Segundo Ezpeleta e Rockwell (1986), esse tipo de pesquisa não é apenas um processo de coleta de dados (sobre realidades peculiares, delimitadas no tempo e no espaço) livre da interferência do pesquisador; é uma opção teórico-metodológica que procura descrever “a escola” histórica, social e culturalmente, que combinou com a pesquisa de campo, com a pesquisa teórica e com a pesquisa documental face à luz do nosso procedimento metodológico para um estudo de caso. Esse estudo de caso pediu uma pesquisa documental, com estudos em documentos e textos produzidos na escola. Por outro lado realizamos uma pesquisa de campo com registros de observações de aula – Diários de Bordo (práticas educativas) de algumas professoras. Fotos e o Projeto Arquitetônico. Para que nosso procedimento metodológico se operacionalizasse, utilizamos o seguinte instrumento: Entrevistas semi – estruturadas realizadas com as professoras que atuam na escola investigada - Escola da Oriança. Vale ressaltar que realizamos também uma entrevista com os arquitetos que elaboraram o projeto da Escola da Oriança<sup>1</sup>. Essas questões também foram feitas com a equipe multidisciplinar da Escola da Oriança (diretora/proprietária da escola, engenheiro/proprietário da escola).

---

<sup>1</sup>Para um maior sigilo e preservação das pessoas envolvidas na pesquisa de campo, optamos por utilizar nomes fictícios para as professoras, coordenadoras e diretoras. No entanto, preservamos os verdadeiros nomes dos/as arquitetos/as e da escola.

## Resultados

Procuramos nos embasar no que Weinstein & Mignano (citados por Carvalho e Rubiano 1994) consideraram como importante para os espaços internos da sala de aula, que foram: Promover identidade pessoal - propiciando espaços nos quais as crianças colocariam suas marcas e poderiam agir sobre eles construindo sua identidade; Dar sensação de segurança e confiança - através de espaços que trazem conforto, segurança, independência, de forma que a criança os exploraria. O ambiente seria pensado de forma a garantir variações de cor, iluminação, entre outros; Favorecer o crescimento - através de espaços que permitam movimentos corporais, rever e reconstruir o ambiente coletivamente; Desenvolver competências - um espaço que promovesse a autonomia da criança, que pudesse desafiá-la para novas possibilidades; Oportunizar contato social e privacidade - que seriam espaços flexíveis de diferentes ambientes ora coletivos ora individuais. Durante a análise dos dados, verificamos a pertinência do uso dessas categorias devido ao potencial explicativo das mesmas. Além disso, utilizamos as mesmas para a análise dos nossos dados sobre arquitetura e currículo e as ampliamos com: espaço inibidor, espaço facilitador, espaço como promoção de autonomia, espaço como contato social e de privacidade.

## Discussão

Em 1994, a Escola da Criança termina a construção da nova sede. A área do terreno, onde está inserida a escola, hoje, é de aproximadamente 12.000m<sup>2</sup>. Sua área construída é de aproximadamente 2.500m<sup>2</sup>, sendo 2.200m<sup>2</sup> para a área infantil. Essa construção pressupôs estudos específicos e muita discussão entre a equipe técnica (arquitetos e engenheiros envolvidos) como também conversas com a equipe de

educadores da Escola. Seu projeto arquitetônico foi elaborado pelos Arquitetos Roberto Andrade e Maria Eliza Guerra<sup>2</sup>, juntamente com a psicóloga Olga Lara Cardoso diretora/proprietária e o engenheiro Marcus Bicalho P. Rodrigues/proprietário. O resultado que se apresenta impõe-se como uma mistura harmoniosa, que rompe com as construções de prédios infantis em Uberlândia, propondo uma relação explícita e implícita entre sua arquitetura e seu currículo.

Nesta escola, o portão de acesso, que é parte integrante da arquitetura que quer distinguir e separar a rua do interior da escola configura-se de certa forma reforçando essa idéia. Ao passar pelo portão, que tem toda uma simbologia com uma escultura que se abre, os pais e as crianças têm a visão de uma paisagem, que é, muitas vezes, vista como se fosse uma bela moldura, pois ao entrar pelo portão, caminha-se em direção a um grande pátio que leva para outros espaços da escola como horta, parque e cidade ao fundo. Além disso, o Pórtico de Entrada pode representar, à primeira vista, um elemento forte e aberto, significando para quem por ele adentra a chegada a um lugar que se propõe ser diferente e transformador (ex: as praças da água, do fogo). Desde o portão, o espaço como contato social e facilitador se faz presente em sua amplitude, estimulação e construção.

---

2 Quando da entrevista, os dois arquitetos estavam presentes, porém, as respostas em sua maioria foram dadas pela arquiteta Maria Eliza Guerra.



Figuras 1 e 2 - Portão de Entrada (lado interno), a 20/04/04; Vista do portão de entrada, a 20/04/04.

Segundo a equipe responsável pelo projeto arquitetônico (o engenheiro Marcos Bicalho e a psicóloga Olga Lara, ambos os proprietários, e os arquitetos Roberto Andrade e Maria Eliza Guerra), para a escolha do terreno, foram considerados os seguintes critérios: área grande (mínimo de 10.000m<sup>2</sup>), dentro da cidade (chácaras longe do centro não serviriam), acesso asfaltado e por avenidas largas (o movimento dos pais seria 100% por meio de automóveis), área que tivesse árvores, sombra e água e que possibilitasse construções sem problemas de fundação (nem alagadas, nem rocha).

Todos os envolvidos na execução do projeto tiveram contato com leituras de Piaget, os pós-constructivistas como Emília Ferreiro e Ana Teberosky, livros da área de psicopedagogia, revistas e livros de arquitetura que abordavam a escola arquitetônica do “deconstructivismo”. A influência de Freinet também aparece na proposição de espaços e atividades: aulas-passeio e valorização da natureza.

A própria escolha do terreno já demonstra uma relação de não neutralidade: área grande, acesso asfaltado, pais 100% com carros.

A idéia do projeto, para os arquitetos, foi de realizar construções “esparramadas” pela área, evitando sobreposições e corredores que definissem espaços tradicionais de salas e pátios. Os pisos são de fácil manutenção, com acabamentos práticos e sem luxo, adequados para múltiplas atividades. Os prédios têm formatos e cores diferentes. Todas as árvores existentes foram preservadas. Para a proposta curricular, era necessário um espaço que favorecesse um aprendizado voltado para a criança, que retomasse na natureza (como o homem mais antigo) a caminhada do conhecimento para o homem de amanhã.

De acordo com o depoimento dos arquitetos, estes sofreram influências do construtivismo de Piaget e do arquiteto mexicano Barragan. O estilo que privilegia a escola é de uma arquitetura contemporânea. Conforme depoimento da arquiteta da Escola da Criança Maria Eliza Guerra:

Nós temos as formas geométricas, sua representação através do prédio, coisas opostas côncavas (aconchego) e convexo (horizonte/amplitude) que é o prédio amarelo. O pátio em frente conversa e é deslocado. As salas de aula são quadradas, porque procuramos romper com o ensino conservador, com salas sempre retangulares em que não têm alternativa se não o professor ficar à frente. As salas quadradas têm possibilidades internas diferentes, proposta pedagógica e, se não, nesse caso a figura do professor nunca será destaque (entrevista arquiteta Maria Eliza Guerra - 2004).

Para os idealizadores da Escola (Olga Lara Cardoso e Marcos Bicalho), as praças continuam presentes e continuarão sempre, pois elas estimulam a criança a iniciar seu movimento pela adaptação ao meio (que é a construção de sua inteligência), a partir do



contato e da troca com os elementos primários da natureza. As praças propiciam o trabalho com experiências afetivas:

A Praça da Água nos conduz para o sentido purificador e cristalino com que o homem, misticamente, tem visto este elemento ao longo dos tempos. O caminho do conhecimento se for puro e genuíno, trará à criança este efeito purificador do "lavar d'alma", do "batismo", para uma consciência de si e da busca da cidadania, que hoje se impõe. A Praça da Terra significa que um processo de busca do conhecimento é generoso: germina e cresce, lança raízes e produz frutos. A Praça do Fogo é a chama. É luz, mas é dor. Nascimento e crescimento doem. Derrete e transforma. O Circo é a alegria, a plenitude, a razão aliada ao sentimento que nos conduz para outros mundos, para outros "eus", além de nós próprios, no aconchego do outro, que nos está próximo. O Circo lembra a capacidade de simbolizar (prazer, lúdico, alegria), de criar e de se extasiar, tão grande, tão natural e tão simples (entrevista diretora/ proprietária da Escola da Criança Olga Lara Cardoso - 2004).

Para se compreender a citação acima, faz-se necessário esclarecer que o proprietário e engenheiro Marcos Bicalho teve uma experiência como seminarista. Talvez essas associações, tais como religiosidade, batismo e outros tenham influenciado nessa arquitetura.

As praças como oportunidades de contato social e de privacidade privilegiam e facilitam a convivência entre as crianças e as professoras. Elas trazem em sua representação os elementos da natureza ar, água, fogo, terra, o que nos remete para uma relação mística e religiosa ao mesmo tempo; esses elementos compõem o nosso corpo e nosso espaço. Nesse sentido, quando analisamos o texto acima no contexto da construção histórica das primeiras escolas e das categorias de oportunidade de crescimento, contato social e de privacidade nos ajuda a compreender o quanto religiosidade e misticismo se

impregnam na constituição desses espaços. Talvez a purificação da criança pelas águas do “batismo” – praça da água – possa introduzi-la num currículo permitido, no qual as práticas ritualizam a purificação. Por exemplo, dizer que a praça do fogo é luz e dor é trazer e querer mostrar para a criança que sua caminhada na vida é luz e dor. É dizer de forma mística que as praças representam a ‘vida’ e a ‘morte’.

As fotos abaixo representam um pouco do texto acima e mostram como a arquitetura pode influenciar no currículo. Nesses espaços as categorias de um espaço facilitador, promotor de contato social nos auxiliam na compreensão da relação entre arquitetura e currículo.



Figuras 3 e 4 - Praça da Água, Escola da Criança, a 20/04/04; Praça do Fogo, Escola da Criança [Crianças do Maternal em Atividade], a 28/05/03.



Figuras 5 e 6 - Praça da Terra, horta, Escola da Criança [Crianças em atividade], a 19/05/03; Corredor, Pátio Coberto/ Círculo ao fundo, a 28/05/03.

Nos depoimentos anteriores, podemos inferir que houve uma preocupação em aliar a arquitetura da escola ao currículo, planejando um trabalho organizado com maior flexibilidade pelos seus usuários como, por exemplo, uso de espaços amplos, sem corredores como possibilidade de aconchego e encontros.

Segundo os arquitetos, a diferença básica entre a construção da Escola da Criança e as construções comuns das escolas infantis é a do espaço concebido para este fim, sem as adaptações costumeiras e, ainda, o fato de se ter uma proposta pedagógica a balizar previamente a construção e os projetos.

As mangueiras já definiam o círculo existente, a própria vegetação já te dava uma pista, a árvore seca que estava na praça do fogo. Percepção do trabalho com o eixo norte-sul. Criatividade. Círculo. Frescor das mangueiras - praça da água, praça da fertilidade – horta,

praça do fogo-árvore seca, hoje pedra. Sentimos falta do hélico-catavento que, inicialmente, pensamos, mas que não foi em frente. Canal da praça da água até a horta é feito de Pedra: Seixo rolado, elemento importante na arquitetura moderna (entrevista arquiteta Maria Eliza Guerra - 2004).

A configuração do Projeto Arquitetônico da Escola da Criança, segundo nossa análise sobre o depoimento da arquiteta, do engenheiro e da diretora, nos revela que a arquitetura dessa escola, desde seu projeto, reforça o espaço como facilitador, como contato social e de privacidade, como desenvolvimento de crescimento, uma vez que em todo seu entorno a arquiteta Maria Eliza Guerra deixa transparecer esse sentimento de criatividade no espaço. Por exemplo, das árvores compondo o trabalho pedagógico, das salas sem um padrão retangular, das cores e texturas utilizadas nas paredes.

Nos trechos dos depoimentos das professoras podemos interpretar e perceber esse envolvimento com o projeto, semelhante aos dos arquitetos e dos proprietários, o que reforça a ideia das 'táticas' e 'estratégias' de Certeau ([1990] 1994), que são o resultado de um exercício de poder que "produz e impõe os espaços" (p. 92), mas também produzem algo novo ou diferente:

Eu não participei da elaboração do projeto arquitetônico da Escola, porém sei que ele vem ao encontro das bases filosóficas, que esta instituição defende, ou seja, que o indivíduo constrói seu conhecimento, estabelecendo uma íntima ligação com o meio objeto/ subjetivo que o sujeito-aprendente é um ser total cognitivo-objetivo/ emocional-subjetivo (Prof<sup>a</sup>. Larissa, Escola da Criança - 2004).

O espaço físico é um ambiente prazeroso para profissionais e alunos, pois temos a liberdade do espaço aberto. Podemos trabalhar com as

crianças, os elementos da natureza: terra, ar, água e fogo, através deles os “homens” evoluíram na humanidade com suas experiências às vezes demoradas (Prof. Paula, Escola da Criança - 2004).

As professoras não participaram diretamente da elaboração do projeto arquitetônico, mas vivenciam-no em suas práticas cotidianas.

Para Maria Elisa Guerra, arquiteta, a música era importante e as aulas de artes seriam ministradas na sala de aula, não em um espaço específico como ateliê. O espaço do Circo contemplaria esse múltiplo uso da música e das artes.

A aula de música ocorre no circo. No circo há uma lona colorida e um palco para as apresentações das crianças. O tio Lúcio é o professor de música que está na escola desde a sua criação. No 1º período, o trabalho é voltado para a iniciação musical, todos aprendem cantando diferentes músicas (Prof. Larissa, Escola da Criança - 2004).

Carla é a professora de artes na Escola da Criança - sua sala fica em frente ao curral. É uma sala com repartições de casa. Há divisões de paredes, espaços como numa casa. Não há mesinhas, mas uma grande mesa com alguns banquinhos. As crianças do Maternal estão na aula. Passa um avião e as crianças começam a gritar: “Avião, avião!” Carla diz que essa é a rota dele toda vez que a aula do maternal está acontecendo. Gotto é o pintor estudado. Carla conta sua história, mostrando gravuras do livro. O trabalho de hoje é fazer a tinta parecida com a do pintor. Eles usam giz e uma pedra. Até esse momento as crianças estavam do lado de fora da casa. Depois, para fazer a tinta, amassando num papel o giz com a pedrinha, as crianças foram divididas em dois grupos e foram para dentro da casa (Diário de

Bordo, Escola da Criança - Prof. Dulce, sala Maternal – Prof. Carla –  
Artes – 20/05/03).

Nota-se que o espaço como promoção de autonomia e oportunidade de crescimento não deixa de acontecer ou fruir por conta desse cerceamento da casa. No entanto, se a educação infantil deve buscar privilegiar espaços que promovam a sensação de confiança, de identidade pessoal e se acreditamos que é através da sua arquitetura que isso será possível, a Escola da Criança que teve todo o cuidado com o restante dos espaços, poderia hoje reorganizar de maneira lúdica esse viver e expressar na infância.

O currículo na Escola da Criança acontece de forma semelhante para todas as turmas com as rotinas: roda, calendário, atividade, passeio, lanche, hortã, teatro, música, artes. O trabalho é planejado de acordo com o desenvolvimento infantil de cada sala. Por isso, podemos inferir que a teoria epistemológica de desenvolvimento de Jean Piaget com suas fases (idades) influencia muito o currículo da escola.

A prática pedagógica só tem sentido se favorecer o pensamento e o raciocínio da criança, ao invés de levá-la simplesmente a memorizar e a imitar.

A imitação e a memorização são mecanismos que fazem parte da aprendizagem, mas não a constituem. A caminhada do pensamento, ao longo da busca de solução para um desafio novo, é mais importante do que uma resposta certa, adquirida a partir da pura mecanização de respostas já encontradas por outros. Os “erros” cometidos pela criança, enquanto ela aprende, são tão importantes quanto seus acertos, pois são eles que mostram onde ela se encontra num dado conhecimento. É, então, de se supor que acreditar assim é ver a criança de um modo diferente, é ver o mundo de um jeito novo,

é trabalhar na Escola criando uma nova prática (coordenadora Maristela<sup>3</sup> - Escola da Criança).

Nesse depoimento, podemos perceber que o currículo desenvolvido no cotidiano da Escola da Criança procura ser um mediador de novas práticas com possibilidade de a criança agir sobre sua aprendizagem.

Os depoimentos das professoras, além de corroborar com essa idéia de currículo, permitem-nos ancorá-lo com a arquitetura que é diferenciada propiciando troca, aconchego, interação, criação, autonomia e percepção do espaço.

Na minha concepção, espaço físico, estímulos e um bom planejamento são essenciais para que a construção do conhecimento aconteça. A arquitetura da Escola permite que possamos utilizar vários lugares para trabalhar de forma agradável com as crianças. A varanda ampla permite que o trabalho em conjunto aconteça e, nesse momento, há uma troca de sentimentos, alegria, envolvimento. Nela, acontecem momentos de teatros, brincadeiras, trabalhos manuais, apresentações musicais, circuitos de jogos etc. O circo representa algo mágico, envolvente, onde a imaginação e o lúdico estão presentes a todo instante que passamos por lá. A biblioteca permite o contato com a leitura, com a imaginação. É organizada de forma que a criança encontre os livros ao seu alcance e possa manuseá-los de acordo com o seu interesse. A horta proporciona o contato com a terra, com as plantas, acompanhar o crescimento. É um momento em que muita energia é usada. As crianças precisam do contato com a terra que é a

---

3 Durante nossas observações na Escola da Criança, a coordenadora Maristela relatava em conversas informais sobre o currículo da educação infantil e registramos tudo para um possível uso futuro.

origem de tudo. No pomar podemos comer diversas frutas “direto do pé”, acompanhar seu crescimento, fazer comida no fogão à lenha usando algo plantado e colhido pelas próprias crianças. Elas aprendem a origem dos alimentos a partir do contato com esses dois lugares. A quadra de grama e de cimento é local que usamos para diversas brincadeiras corporais como bolas, escorregar na grama, brincar de casinha, pique - esconde. São momentos agradáveis e de liberdade. Andando com as crianças pela Escola, podemos fazê-las observar as coisas. Do chão ao teto temos estímulos para despertar a curiosidade e senso de observação. Esses espaços, sem dúvida, permitem a elaboração de um planejamento mais organizado e permite trabalharmos matemática, ciências, português e geografia com as crianças de uma forma simples, satisfatória e natural. Já trabalhei em quatro escolas e sempre senti falta de espaço físico para trabalhar com as crianças. A maioria das escolas não são projetadas com essa finalidade. Geralmente, são casas que viraram escolas e há uma pequena modificação para “abrigar” as crianças. Ouso dizer que são meros depósitos de crianças, onde as mesmas são mecanizadas, obrigadas a transferir toda sua energia de criança para uma folha de papel. Obrigadas a não terem liberdade (Prof. Dulce, Escola da Criança - 2004).

O espaço físico da escola permite-nos vários tipos de explorações, tais como: percursos, lateralidade, noções de espaço, diferentes caminhos para se chegar a um só lugar, organização (cores dos prédios) e, além disso, possibilita às crianças brincarem livremente em vários locais, pois o espaço é muito amplo (Prof. Nadir, Escola da Criança - 2004).

O espaço físico da escola aponta, também, oportunidades tais como: correr atrás das



ovelhas, andar de carroça e a cavalo, mexer a panela, no fogãozinho de pedra, tirar leite da vaca, observar o nascimento de novos filhotes e acompanhar as estações do ano com as plantas. Isso é possível como mostra o episódio:

Chegando no 1º período, Larissa já estava em roda, dentro da sala, as crianças estavam mostrando o que haviam trazido de casa e elas estavam conversando sobre o passeio de cavalo que fariam no final da aula. Esse passeio a cavalo surgiu na sala porque o Davi disse que tem um pônei e ele gostaria de andar de pônei na escola. Como não há pônei, e sim um cavalo e um burrinho, ficou decidido que eles fariam o passeio no cavalo. Davi concordou e todos acharam ótimo passear de cavalo (Diário de Bordo, Escola da Criança - Prof. Larissa, sala 4 anos – 16/05/03).

O projeto arquitetônico da escola tem um curral que permite esse tipo de atividade, não só pelo passeio em si, mas para que a criança entre em contato com um universo de animais (galinhas, galos, pintinhos, ovelhas, burro, cabras, vacas, cavalo) que talvez ela nem conheça fora da escola.

Geralmente o espaço eleito das escolas tem sido o da sala de aula, que mantém as crianças, horas a fio, dentro de salas, sentadas e concentradas. Todavia, para a Escola da Criança, a sala de aula é o espaço importante de discussão, registro e organização de dados que foram obtidos em outros lugares. A escola promove "saída" com as crianças para a observação, análise e registro de situações e espaços que proporcionem maior compreensão dos objetos e modelos em estudo. O uso da sala de aula e do entorno da sala como um espaço facilitador e construtor de conhecimentos, aparece num dos trechos do nosso "Diário de Bordo":

Brenda, aluna do Pré-6 anos, em um depoimento sobre a atividade de medir o contorno da sala com os pés, me contou: "A tia tava (sic)

falando como vamos medir com essas coisas. A gente disse: 'Vamos ter que arrastar as coisas.' Aí a gente arrastou e depois a tia falou quem era para medir 1o, 2o e 3o (ordem de crianças). Medimos as paredes, depois escrevemos no cartaz nossos passos e vimos que eram do mesmo tamanho, porque a tia viu que estava a mesma quantidade de tamanho (sic). Aí a tia perguntou como é a sala e perguntou pra mim e eu expliquei que o cubo ele também tem em cima, embaixo e do lado e o quadrado tem só lado (sic). E assim a gente descobriu que a sala tem a forma de um cubo. Depois a gente perguntou à tia se podia (sic) mudar as coisas de lugar. Ela deixou. Eu gostei de mudar porque já tinha decorado esse lugar e é bom mudar as coisas de lugar" (Diário de Bordo, Escola da Criança - Prof<sup>a</sup>. Nadir, sala 6 anos – 12/06/03).

O trabalho desenvolvido hoje no 1o período foi de percurso. As crianças deveriam mostrar o caminho da sala até o refeitório. As crianças iam demonstrando quais seriam os possíveis caminhos. João saiu da sala e contornou a Praça do Fogo e chegou ao refeitório. Laura saiu da sala e foi reto e chegou ao refeitório. Lucas saiu da sala passou pela porta do refeitório subiu a rampa, andou por trás do refeitório, desceu a escada Dó, Ré, Mi e chegou ao refeitório. P.: (pergunta a todas as crianças) "Quem chegou primeiro? Vamos pensar?" Crianças (em coro): "A Laura". Perguntei ao Lucas como é que ele pensou aquele caminho. Ele me respondeu que passa ali com sua mãe na hora que chega. Larissa perguntou se têm muitos jeitos de chegar ao refeitório. Todos dizem sim. Com uma corda elas demarcam o caminho até o refeitório que Laura indicou e que constataram ser o mais curto. Depois elas andaram em cima da corda e Larissa ia perguntando o que elas viam do lado esquerdo e direito da corda. As

crianças iam respondendo com entusiasmo os outros espaços da escola que eles lembraram ou iam vendo com os olhos (Diário de Bordo, Escola da Criança - Prof. Larissa, sala 4 anos – 15/05/03).

A análise dos dados sobre essa atividade de reconhecimento (currículo) dos caminhos, trajetos (arquitetura escolar), que é desenvolvida em todas as turmas, mostrou-nos a possibilidade de construção da subjetividade das crianças, da percepção do espaço, da autonomia e do sentido de segurança e confiança. A professora Larissa, ao perguntar sobre as diferentes possibilidades de se chegar ao refeitório, permitiu que as próprias crianças expressassem suas idéias, seus pensamentos, suas escolhas, favorecendo assim as particularidades de cada uma, mesmo que no futuro prevaleça o caminho mais curto orientado pela professora.

Além das atividades ocorridas no interior da sala de aula, observamos também atividades realizadas fora da sala de aula.

Essas práticas reafirmam que o projeto arquitetônico da escola permite um trabalho de ensino-aprendizagem que rompe as fronteiras da sala de aula. A sala deixa de ser o único lugar de ensino-aprendizagem.

Refletir sobre a relação entre arquitetura e currículo permite um olhar mais amplo para a questão da cultura escolar e de sua construção ao longo dos anos, pois a arquitetura faz parte da história das escolas juntamente com seus currículos, que são expressões de poder. O currículo direciona o fazer docente com sua divisão disciplinar, com seus intervalos de tempos/horários e também com sua invisibilidade presente através dos seus espaços delimitados, falas abafadas, sons, gritos e transgressões.

Compartilhando dos sentidos sobre o currículo segundo Moreira e Silva ([1994] 2000), pode-se dizer que este, há muito, deixou de ser um enumerado de disciplinas, métodos e técnicas. Já se pode falar de uma tradição crítica do currículo, guiada por questões

sociológicas, políticas e epistemológicas.

Nessa perspectiva, o currículo é considerado um artefato social e cultural. Ele não é um elemento inocente e neutro de transmissão desinteressada do conhecimento social. (...) O currículo está implicado em relações de poder, ele transmite visões sociais particulares e interessadas, o currículo produz identidades individuais e sociais particulares. Ele não é um elemento transcendente e atemporal – ele tem uma história, vinculada as formas específicas e contingentes de organização da sociedade e da educação (Moreira e Silva, [1994] 2000, p. 8).

Frago (1998), um estudioso da arquitetura escolar, nos revela que a arquitetura, além de ser um programa invisível e silencioso que cumpre determinadas funções culturais e pedagógicas, pode ser “instrumentada” (p. 47) no plano didático sempre que define o espaço em que se dá a educação formal sendo uma referência para o desenvolvimento curricular.

A arquitetura, portanto, toma como concepção um determinado ensinamento através dos seus espaços físicos distribuídos na planta como também na forma em que o currículo se articula com a arquitetura. Arquitetura-lugar e currículo-lugar. A ideia de lugar está alicerçada em Certeau ([1990] 1994), que diz que lugar é a ordem segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. Essas relações demarcam lugares, mapas e percursos de um espaço concebido. Frago (obra citada acima) já considerava que a escola é espaço e lugar, algo físico, material, mas também uma construção cultural que gera “fluxos energéticos” (p. 77). A arquitetura escolar é um personagem na trama do currículo. Nesse sentido, acreditamos que a arquitetura é o cenário, no qual no tempo/espaço está organizada nossa vida cotidiana. Arquitetura é cultura, é comunicação, é sensibilidade, é uma linguagem. Sendo assim, o currículo é a materialização de uma cultura social. É relação de poder. É vida.

Nossa pesquisa procurou evidenciar, principalmente, a não neutralidade da arquitetura sobre o currículo e de como isso é visto e praticado pelas professoras.

Nossas conclusões nos levam a afirmar que tanto os estudos sobre a arquitetura relacionada ao currículo e vice-versa deveriam estar presentes no cotidiano da formação de professores, quer seja na formação inicial, contínua ou em contexto. Pois, isso poderia auxiliar na desconstrução de relações e papéis marcados nos espaços e tempos de poder, os quais estão presentes nas relações espaciais já estabelecidas ao longo da história escolar da arquitetura e do currículo.

#### Referências:

- ADAMS, G. (2002). Colaboração interdisciplinar e participação do usuário como metodologia processual. in RIO, V., DUARTE, C. R. e RHEINGANTZ, P. A., Org.s. Projeto Lugar: colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo. Rio de Janeiro: Contra-capa. p. 35- 55.
- CARVALHO, M. e RUBIANO, M. (1994). Organização do espaço em instituições pré-escolares. in OLIVEIRA, Z. Org. Educação infantil: muitos olhares. São Paulo: Cortez. p. 107-130.
- CERTEAU, M. ([1990] 1994). A invenção do cotidiano. Petrópolis: Vozes.
- EZPELETA, J e ROCKWELL, E. (1986). Pesquisa participante. São Paulo: Cortez.
- FRAGO, A. V. e ESCOLANO, A. (1998). Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa. Rio de Janeiro: DP & A.
- MOREIRA, A. F. B. e SILVA, T. T., Org.s. ([1994] 2000). Currículo, cultura e sociedade. São Paulo: Cortez.
- SILVA, T. T. (1999). Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica.
- VIEIRA, A. M. (2000). Produções de espaço-tempo no cotidiano escolar: um estudo das marcas e territórios na educação infantil. Dissertação de Mestrado apresentada na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. Polícopiado.
- VIEIRA, A. M. (2006). Currículo e arquitetura escolar: olhares cruzados na educação infantil. Tese de Doutorado apresentada na Universidade de São Paulo. Polícopiado.